



ALEXANDRE GARCIA

FALAR EM GARIMPO, TÃO HOSTILIZADO POR CERTOS INTELLECTUAIS DA CIDADE, É FALAR EM DESCOBERTA DE RIQUEZA, EM SOBERANIA, EM ECONOMIA, EM QUESTÃO SOCIAL

(cartas: SIG, Quadra 2, Lote 340 / CEP 70.610-901)

Queimação no garimpo

Antes de embarcar para Moscou, o presidente assinou decreto que instituiu um programa de apoio ao garimpo. No mesmo dia, recebi da região do Cripuri, que é um afluente do Tapajós, imagens de um helicóptero atacando com foguetes incendiários as instalações de um garimpo. Eram imagens que fazem lembrar napalm no Vietname. Isso no mesmo dia do anúncio do Programa de Apoio ao Desenvolvimento da Mineração Artesanal e em Pequena Escala. Um nome comprido para não confundir com atividade mineradora industrial. O objetivo

do programa é tirar o garimpo da ilegalidade e, com isso, controlar as áreas, fiscalizar de forma transparente o meio ambiente, legalizar o comércio do ouro, prestar assistência de saúde e educação às famílias de garimpeiros. O decreto regulamenta o que ficou fora da lei de 1989, que tratou do assunto.

Já andei em garimpo, onde só se chega de avião em pista improvisada. A vida por lá é duríssima, e arriscados os resultados. Os ambientalistas e as forças policiais vêm batendo nos garimpeiros. No entanto, a

História mostra que devemos a eles a expansão do nosso território. A eles, aos bandeirantes e às patas do boi. Os Estados Unidos se tornaram potência por chegarem à costa do Pacífico por causa da corrida do ouro, a ponto de tirar a Califórnia dos mexicanos. E ficaram com poder no Atlântico e no Pacífico. No Brasil, além do boi, foi o ouro das Minas Gerais, as esmeraldas de Goiás, os bandeirantes que entraram por São Paulo e para o Sul, até as Missões jesuíticas espanholas. Os garimpeiros brasileiros, há séculos, marcam

a nossa soberania na Amazônia.

Falar em garimpo, tão hostilizado por certos intelectuais da cidade, é falar em descoberta de riqueza, em soberania, em economia, em questão social. Em geral, são nordestinos, para realizar sonhos. Gente boa, trabalhadora, cumpridora de palavra. Enquanto fechamos os olhos para uma realidade — como alerta o vice-presidente Mourão —, índios vendem diamantes via Bolívia, por exemplo. O ex-ministro Aldo Rebelo, que já foi do PCdoB, afirma que algumas das maiores jazidas do mundo

em diamantes estão nas margens do rio Roosevelt, reserva dos Cintas-Largas, em Rondônia. E o Brasil nada ganha com isso. Todo mundo sabe que os garimpeiros que estão em reservas já fizeram sociedade com os indígenas, mas legalizar depende de lei. Enquanto isso, as pedras brasileiras são lapidadas nos Países Baixos.

Ironicamente, enquanto era anunciado o decreto, no mesmo dia garimpeiros eram atacados pelo fogo vindo do céu, destruindo suas casas, máquinas e sonhos, como se o Brasil oficial estivesse em guerra

contra eles. O ataque não foi sequer em área indígena, mas na região conhecida como Galdeano. Uma reedição do que aconteceu com 61 balsas queimadas no Rio Madeira, onde os garimpeiros moravam com suas famílias. Isso no dia do anúncio do programa de apoio ao garimpo, confirmando a Constituição, que no art. 174, §3º e 4º, determina favorecer a organização da atividade garimpeira em cooperativas. Ficou estranha a violenta ofensiva no mesmo dia do anúncio do programa. Seria para queimá-lo?

PODER

Aproximação causa incômodo

Chefe do Planalto mostra incoerência no alinhamento à Rússia, que tem afinidades com países alvo de ataques bolsonaristas

» RAPHAEL FELICE
» TAINÁ ANDRADE
» INGRID SOARES

AFP



A Rússia, de Putin, é muito próxima do regime de Maduro, da Venezuela. Além disso, fez aliança estratégica com a China

Pouco antes de embarcar para Moscou, o presidente Jair Bolsonaro (PL) tratou de convencer apoiadores de que o presidente russo, Vladimir Putin, é um líder “conservador” e “gente como a gente”.

Putin pode ser menos liberal em sua forma de governar, mas não amplia esse modo de agir para a política externa. Nesse aspecto, mantém aproximações com diversos países que foram, inclusive, alvo constante de ataques do governo brasileiro.

Apesar da tentativa de Bolsonaro de mostrar alinhamento com Putin, as incoerências do governante estrangeiro são evidentes. O regime do país é semelhante ao da tão criticada Venezuela, de Nicolás Maduro. Além disso, o presidente russo fez aliança estratégica com a China — dois países com regimes considerados comunistas por Bolsonaro e aliados. E, na semana passada, Putin recebeu a visita do presidente da Argentina, Alberto Fernández, também alvo de ataques bolsonaristas.

Segundo especialistas ouvidos pelo **Correio**, Bolsonaro busca, de forma tardia, mostrar ao mundo e, principalmente, ao seu eleitorado, que o Brasil não é pária internacional. “É uma tentativa de se aproximar de uma grande potência, depois de hostilizar o presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, e criticar líderes chineses, tecendo comentários xenofóbicos aos seus gestores”, afirmou Leandro Consentino, cientista político e professor do Insper. “E depois de queimar pontes com a Europa, em especial nas questões ambientais, e de ter rompido laços com a América



Esse perfil autoritário é uma marca de Bolsonaro. Vários elementos que ele traz em sua política também podem ser vistos, em parte, na Rússia”

Ricardo Barretto, doutor em direito constitucional pela UnB

Latina, na figura da Argentina e do Chile. Sobram apenas líderes que têm uma agenda parecida, e a Rússia é uma grande candidata a expor essa situação de não isolamento.”

Imagem

Conforme Consentino, o interesse de Bolsonaro é subordinado à agenda eleitoral e política. Na opinião dele, essa é mais uma construção de narrativa do presidente para legitimar a sua força para o público interno. “Está mostrando para esse público que ele é um estadista e sabe se relacionar com outros

países. Ele queria se contrapor ao discurso de que só Lula (o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva) é bem recebido em outros países”, frisou. “Ao mesmo tempo, jogar para o público dele que essa ideia de o Brasil ser um país isolado é uma mentira. O objetivo, com isso, são os 25%, 30% que ele tem para o levar ao segundo turno e aumentar a rejeição a Lula.”

Ricardo Barretto, doutor em direito constitucional pela Universidade de Brasília (UnB), classificou o chefe de Estado russo como um autocrata, já que é questionado no Ocidente por deteriorar o ambiente

democrático na Rússia. Portanto, essa seria uma explicação para a aproximação com o governante brasileiro.

“Esse perfil autoritário é uma marca de Bolsonaro. Vários elementos que ele traz em sua política também podem ser vistos, em parte, na Rússia. Pode ser que ele se veja na imagem do Putin, um presidente forte, que se confunde com as instituições do próprio país”, destacou. “Então, tem um aspecto personalista. Porém, ainda que o presidente Putin e o presidente Bolsonaro sejam bastante criticados no Ocidente por, supostamente, terem deteriorado o ambiente democrático de

seus países, Putin é muito mais articulado, capacitado, inteligente e entendido de política externa do que o presidente brasileiro.”

Pelo lado de Putin, a visita de Bolsonaro em meio à tensão da Rússia com a Ucrânia pode vir a ser um trunfo. “Significa que ele não está tão sozinho no mundo e que, mesmo com a crise, consegue manter boas relações”, enfatizou.

Hungria

Além da Rússia, Bolsonaro tem visita agendada à Hungria, comandada pelo primeiro-ministro Viktor Orban, líder de extrema-direita. Ele também é criticado pela comunidade internacional pelo autoritarismo, tendo promovido o controle da imprensa local, e leis contra LGBTQIA+ e migração. Assim como a Rússia, a Hungria tem problemas diplomáticos e é considerada pária dentro do continente europeu.

De acordo com o doutor em história e professor da Universidade de Brasília Antônio José Barbosa, Bolsonaro tenta superar, de forma mínima, o isolamento internacional brasileiro e se encontra com países em situações diplomáticas semelhantes. Além disso, acena para sua base ao visitar países que adotam regimes de força.

“É uma tentativa de superar, minimamente, o isolamento internacional em que ele jogou o Brasil. O fato de ir à Rússia de Putin, mas, sobretudo, de passar na Hungria, é um recado claro de que as alianças que, eventualmente, possa fazer são fundamentalmente ideológicas”, frisou. “São regimes de força, regimes autoritários, que fazem uso da democracia para destruí-la.”

Braga Netto descarta desgaste com a Otan

EVARISTO SA



Braga Netto terá encontro com o ministro da Defesa russo

O ministro da Defesa, Walter Braga Netto, negou, ontem, que as reuniões do governo brasileiro com a Rússia vão desgastar o Brasil com a Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), liderada pelos Estados Unidos, em Moscou, onde o presidente Jair Bolsonaro está hospedado.

“Não atrapalha, são coisas distintas. Conversamos com todos os países do mundo. Continuamos parceiros da Otan. Temos interesse também aqui, como todo país. O Brasil está aberto à negociação”, afirmou o ministro a jornalistas, no hotel Four Seasons, em Moscou, onde o presidente Jair Bolsonaro está hospedado.

Bolsonaro se encontra, hoje, com o presidente da Rússia, Vladimir Putin, enquanto os ministros Braga Netto e Carlos França

(Relações Exteriores) têm uma reunião com seus análogos russos.

De acordo com o chefe da Defesa, sua reunião será uma “conversa” sobre “todas as áreas que envolvem transferência de tecnologia”. Ele não quis responder se haverá assinatura de acordos. “Vamos conversar”, limitou-se a dizer.

Braga Netto, no entanto, foi enfático ao dizer que não tratará da tensão com a Ucrânia durante seu encontro com o ministro russo.

A viagem oficial do presidente brasileiro à Rússia acontece em um momento de tensão internacional. Existe a suspeita de que Putin possa invadir a Ucrânia para evitar a adesão do país vizinho à Otan. Os Estados Unidos prometeram uma resposta à altura, se isso ocorrer. Ontem,

Putin recebeu o chanceler da Alemanha, Olaf Scholz, e ordenou a retirada de parte das tropas da fronteira.

Crítica

Em entrevista à Rede TV, ontem, o ex-ministro das Relações Exteriores Ernesto Araújo criticou a ida de Bolsonaro à Rússia. Ele enfatizou que a visita do chefe do Executivo brasileiro demonstra certa preferência por um dos lados na tensão internacional.

“Acho que, infelizmente, com a visita do presidente Bolsonaro, (ele) não está mostrando neutralidade, está mostrando uma preferência pela Rússia”, frisou. “Neutralidade é você visitar ou os dois que estão em conflito ou nenhum”, acrescentou.



Não atrapalha, são coisas distintas.

Conversamos com todos os países do mundo. Continuamos parceiros da Otan. Temos interesse também aqui, como todo país. O Brasil está aberto à negociação”

Braga Netto, ministro da Defesa